

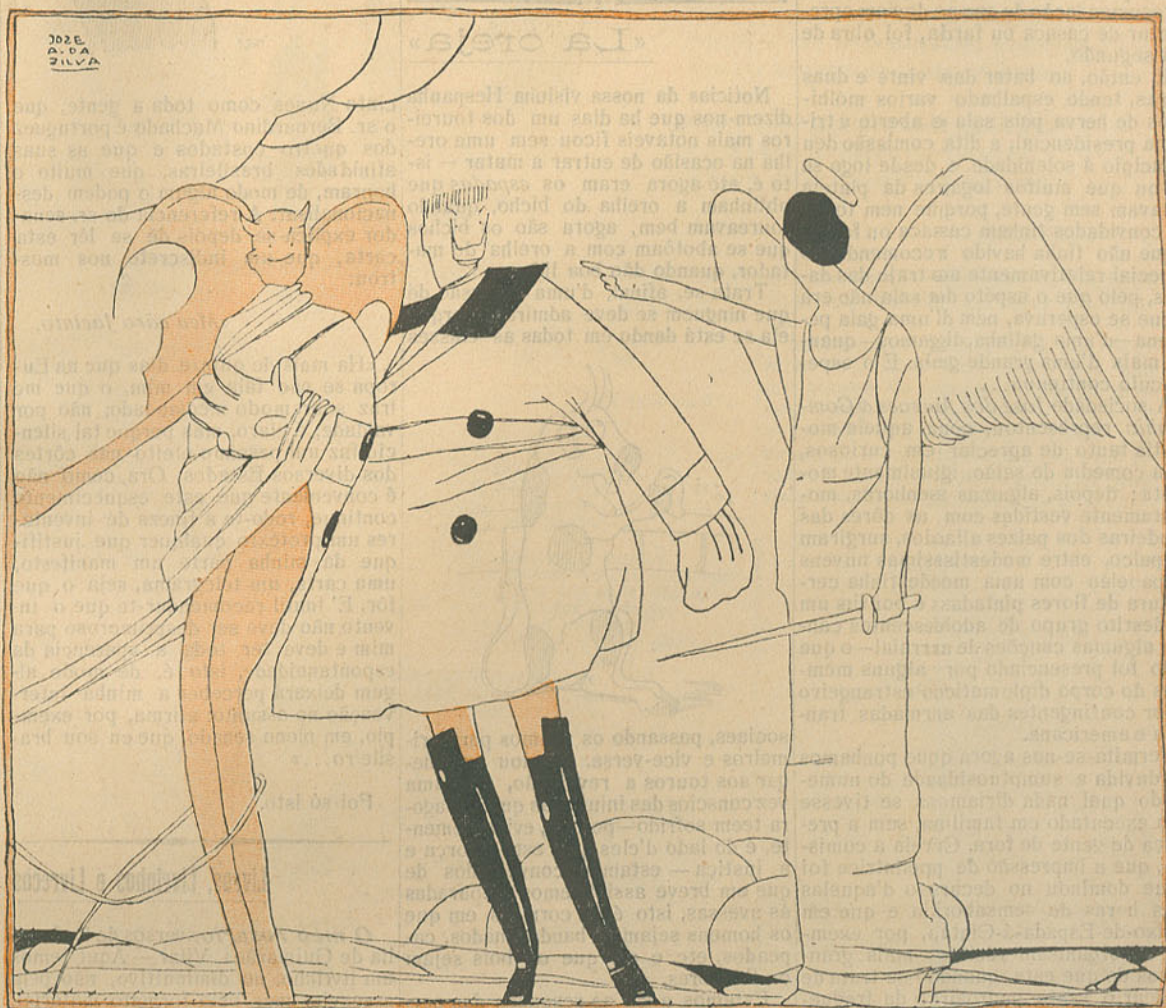
SUPLEMENTO HUMORISTICO DE

O SEculo



Redação, Administração e Oficinas—Rua do Seculo, 43—Lisboa

UM SONHO



—Lucifer: que tencionas fazer de mim?
 —Abdicar em vossa magestade.



PALESTRA AMENA

Récitas de gala

E' costume festejar as datas gloriosas com varias manifestações officiaes, e para que a que as nações resolveram dedicar á paz tivesse o maximo brilho entre nós, o governo nomeou uma comissão de pessoas idoneas, ou julgadas como tal. A qual comissão, vendo que tinhamos em Lisboa um teatro fechado, o de S. Carlos, que não possuímos companhia teatral em termos nem peça portugueza de valor ensaiada, decidiu que um dos numeros do programa dos festejos fosse uma récita de gala: ter a idéa, convidar a sociedade dos amadores dramaticos José dos Anzoes & Companhia a preencher a maior parte do tempo, e distribuir bilhetes pelas pessoas das suas relações, com a recomendação de que se deviam apresentar de casaca ou farda, foi obra de um segundo.

E então, ao bater das vinte e duas horas, tendo espalhado varios môlinhos de herva pela sala e aberto a tribuna presidencial, a dita comissão deu principio á solenidade e desde logo se notou que muitos logares da plateia estavam sem gente, porque nem todos os convidados tinham casaca ou farda, e que não tinha havido recomendação especial relativamente ao traje das damas, pelo que o aspéto da sala não era o que se esperava, nem d'uma gala pequena—d'uma galinha, digamos—quanto mais d'uma grande gala. E o espectáculo continuou...

A sociedade José dos Anzoes & Companhia representou, com aquella modestia tanto de apreciar em curiosos, uma comedia de salão, igualmente modesta; depois, algumas senhoras, modestamente vestidas com as côres das bandeiras dos paizes aliados, surgiram no palco, entre modestissimas nuvens de papelão com uma modestinha cercadura de flores pintadas e por fim um modestito grupo de adolescentes cantou algumas canções de arraial—o que tudo foi presenciado por alguns membros do corpo diplomatico estrangeiro e por contingentes das armadas franceza e americana.

Permita-se-nos agora que ponhamos em duvida a sumptuosidade do numero, do qual nada diriamos se tivesse sido executado em familia, sem a presença de gente de fora. Creia a comissão, que a impressão de pelintrice foi a que dominou no decurso d'aquelas duas horas de semsaboria e que em Freixo-de-Espada-á-Cinta, por exemplo, se organisam récitas mais grandiosas do que esta, quando se trata de festejar o santo padroeiro da freguezia.

—Defeitos do regimen democratico! dirá alguém, com anti-patriotico prazer.

Não, senhores: defeito de portuguezes, seja qual fôr o regimen em que vivam. No tempo da monarchia efe-

ctuou-se, em honra de Loubet, uma récita festiva e o numero mais extenso foi constituido pela *Marselheza*, cantada n'um francez de meninos de mestra... por duas duzias de cegos d'um instituto de caridade. Então o espectáculo dos desgraçados, esganiçando-se, não foi modesto: foi horrivel.

Consolemo-nos, porém, com a idéa de que o ridiculo não é exclusivo nosso; a cêna da petizinha em Paris, por ocasião do cortejo sob o Arco de Triunfo, gaguejando e chorando sem conseguir ler uns versos dedicados ao sr. Poincaré, assim como o canto em cuja letra «se aproveitaram muitas frases do discurso do sr. Clemenceau», mostram que as manifestações tambem lá fóra nem sempre correspondem á grandeza do assunto. Cá e lá José dos Anzoes & Companhia ha.

J. Neutral.

«La oreja»

Noticias da nossa visinha Hespanha dizem-nos que ha dias um dos toureiros mais notaveis ficou sem uma orelha na ocasião de entrar a matar—isto é, até agora eram os *espadas* que obtinham a orelha do bicho, quando toureavam bem, agora são os bichos que se abotôm com a orelha do matador, quando dão boa lide.

Trata-se, afinal, d'uma inversão de que ninguem se deve admirar, porque ela se está dando em todas as classes



sociaes, passando os ultimos para primeiros e vice-versa. Tardou em chegar aos touros a revolução, mas uma vez conscios das injustiças que até agora teem sofrido—porque, evidentemente, é do lado d'eles que está a força e a justiça—estamos convencidos de que em breve assistiremos a touradas ás avessas, isto é, a corridas em que os homens sejam os bandarilhados, capeados, etc. e em que os bois sejam os lidadores.

Estamos a vêr as resenhas das corridas «—o 3.º animal era um mercieiro bem tratado, de pouco pé, manhoso, da acreditada *ganaderia* do bairro Alto... O 5.º bicho era fraco de pernas e não honrava o lavrador. Tinha o ferro da Instrução. Publica e era professor primario...»

Bernardino zangado

—Isto em se dizendo que um cão é danado, todos lhe atiram! exclamava ha pouco um amigo nosso, a proposito do sr. Jacinto Nunes se ter lembrado de dizer que o sr. Bernardino Machado é brasileiro.

Pois saiba o referido amigo nosso, que não passa d'um refinadissimo ingenuo. Toda a gente sabe, o sr. Ja-



cinto Nunes como toda a gente, que o sr. Bernardino Machado é portuguez dos quatro costados e que as suas afinidades brasileiras, que muito o honram, de modo algum o podem desnacionalisar. A referencia do sr. senador explica-se, depois de se lêr esta carta, que um indiscreto nos mostrou:

«Meu caro Jacinto.

«Ha mais de quinze dias que na Europa se não fala em mim, o que me traz sobremodo incomodado, não por vaidade, é claro, mas porque tal silencio faz um pessimo efeito nas côrtes dos diversos Estados. Ora, como não é conveniente que este esquecimento continue, rogo-te a fineza de inventares um pretexto qualquer que justifique da minha parte um manifesto, uma carta, um telegrama, seja o que fôr. E' inutil recomendar-te que o invento não deve ser desprimoroso para mim e deve ter toda a apparencia da espontaneidade, isto é, de modo algum deixará perceber a minha intervenção no assunto: afirma, por exemplo, em pleno senado, que eu sou brasileiro...»

Foi só isto.

Livros, Livrinhos e Livrecos

O meu rosario, versos de D. Amelia de Guimarães Vilar—Aqui temos um livrinho, no diminutivo, não pela essencia, mas pelo formato material. E' obra pequenina, mas tem coisas muito bonitas, como esta quadra:

São freirinhas dolorosas
Com olheiras negridas
As violetas medrosas,
Sempre na dôr confundidas.

**EM FOCO****MELO BARRETO**

*Para lhe dar os parabens, dez vezes
Ao Ministerio fui dos Estrangeiros,
Mas de todas, continuos e porteiros
Me mandaram voltar d'aqui a mezes.*

*Filas silenciosas e cortezes
Esperavam por traz dos reposteiros;
Já recebera centos de milheiros
E faltava um milhão de portugueses.*

*Sobram razões de tanta concorrência,
Porque é não só muitissimo simpatico
Mas um ministro de saber profundo:*

*Basta dizer que deu uma audiência
A's pessoas do corpo diplomatico
E traduziu-as todas n'um segundo!*

BELMIRO.

Guilherme II, o «Serrador»

Estivemos durante muito tempo indecisos sobre o cognome que deveriamos dar ao ex-imperador dos alemães e pelo qual seria conhecido na História: agora, já não temos duvidas. Ficará sendo o *Serrador*, em vista da sua ocupação habitual, que é a de serrar troncos de arvores, das quais tem serrado alguns centos de milhares, segundo revelam os jornaes.

Ora porque diabo é que suas ex-ma-



gestades tem a mania de serrar? Também matutámos muito tempo, á procura da explicação, até que demos no vinte: o cidadão, como não pode serrar os peçoços dos seus semelhantes, para lhes separar as respectivas cabeças, contenta-se em fazer a operação nos vegetais, á falta de melhor.

E d'aí, se os imperantes se limitassem a exercer uma profissão manual, talvez que outro galo cantasse á pobre humanidade.

DE FÓRA**Ele e Ela**

(A Ignotus 2.º).

*A mulher, d'uma costela
Do homem veto, diz ele.
Pois duvida alguma resta
Que foi a parte mais bela
Que lhe tiraram da pele...
E ficou a que não presta...*

*Ele chama-lhe maluca,
Acha-a peor do que a cobra,
Diz que a não pode aturar.
Ora é ele que a educa...
Se ela é a sua obra,
Não tem de que se queixar..*

*Ele exige á companheira
Um mundo de perfeições,
Que a dura vida atreize.
Emfim... uma chocadeira
Com varias applicações...
Como os martelos do freire...*

*Amigo: não seja tonto!
Por santo ninguém o tem...
Nem julga bem, o que erra.
Na má lingua ponha ponto.
Ela inda é o melhor bem
Que você gosa na terra...*

MARIA CACHUCHA.

O pé mais pequeno

A galanteria estrangeira está batendo com vantagem a nacional, apesar da fama que temos de ser o povo mais amavel do mundo, para com as senhoras: aquella idéa de dar uns sapatos de ouro á senhora de pés mais

pequenos, hão-de concordar que é linda.

Agora o que há a fazer é não ficar atrás de quem a teve. Para que não nos acusem de plagiarios, porém, procuraremos qualque outra parte do corpo, que não os pés: que dizem por exemplo, d'um premio á dama que tivesse o nariz, não mais pequeno, mas mais bem feito, porque apesar de não



ser feição, a beleza do nariz não está na exiguidade mas na fórma?

E á que tivesse as mãos mais pequenas? A cintura mais breve? As pernas mais esculturais? Os seios mais...

Emfim, quem quiser dar premios a belezas femininasas portuguezas tem muito por onde sese alargar—não sendo menos de aconselhar a oferta de uma lingua de prata á á que tivesse a lingua mais pequena. Meferencia-o, palavra de honra.

CONTRASTES HISTÓRICOS



— Eu morri à fome. Escrevia poemas...



— Eu tenho seiscentos contos. Faço botas!